

CADA INDIVÍDUO É IRREPETÍVEL:

REVELAÇÕES EM UMA AUTOBIOGRAFIA.

LUZIA HELENA BRANDT MARTINS¹; ESTEFÂNIA ALVES KONRAD²; CRISTINA MARIA ROSA³

¹Universidade Federal de Pelotas – luziaamartins@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – estefaniakonrad@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

No trabalho realizei uma escrita autobiográfica. O panorama é o afastamento e isolamento em função da Pandemia pelo “Corona Vírus”. Em casa apenas com meus pais e longe de meus avós, figuras sempre presentes em nossas rotinas, dei início a uma comunicação – pela internet – com esses dois longevos, Nilza e Ivo, com 80 e 75 anos, respectivamente. A ideia surgiu agregada ao programa “Diário do Cuidado: diálogos aos 60+”, cujo foco foi manter em contato um grupo de estudantes de Literatura vinculados à UNAPI – Universidade Aberta Para Idosos – da UFPel. Buscando a manutenção da saúde mental de um grupo de longevos em tempos de trabalho remoto, o grupo PET Educação organizou “conversas” que foram pensadas, planejadas e desenvolvidas desde meados de março e permanecem ocorrendo. A importância de amenizar a distância entre as rotinas anteriores e o necessário confinamento foi considerada e, inspirada nesse programa, decidi tratar meus próprios avós como se integrassem o grupo, criando com eles uma rotina de cuidados e de registros. Ao prevenir a possível depressão por solidão ou por falta de atenção, criei uma intencionalidade em meus diálogos que, antes, eram espontâneos e aconteciam quase que diariamente. Virtuais, por meio de telefone, chamadas de áudios e vídeo e notebook, as escritas que dali derivaram oportunizaram que eu refletisse sobre meu estar no mundo: estudante, pesquisadora e neta. Desse “refletir” surgiu uma “linha de lembranças, planos e mudanças”, que, observadas com mais esmero, propiciaram o entendimento de como relações e não relações se apresentam nesse período de pandemia. A abordagem é baseada na concepção de autobiografia. Nela,

“[...] o sujeito começa a descobrir que cada indivíduo é irrepetível e único, denotando um valor evanescente para o vivencial, o que, por sua vez, configura o ato de registro de si como forma de ganho para uma herança cultural comum” (SANTOS; TORGÀ, 2020).

Sobre a relevância da autobiografia enquanto instrumento de formação, parto da concepção de Belmira (2002, p. 22 apud António Nóvoa, 1988, p. 116), para

quem “ninguém forma ninguém” e a formação é “inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”. Acredito que a autobiografia pode ser uma “biografia educativa”, segundo Belmira Bueno. Para Goodson (1992, 1994), na abordagem autobiográfica

está implícita uma reconceitualização da própria pesquisa educacional, pois, dar voz aos professores supõe uma valorização da subjetividade e o reconhecimento do direito dos mestres de falarem por si mesmos (apud BUENO, 2002).

Sendo assim, estes profissionais passam de objetos de pesquisa a investigadores, deixando de ser “[...] meros recipientes do conhecimento gerado pelos pesquisadores profissionais (Goodson, 1994) [...]” (BUENO, 2002). O “uso” da autobiografia para formandos em licenciaturas é sobre um protagonismo em sua formação, cabendo a ele se aprimorar dos percursos da sua vida, assim, abrindo a “[...] possibilidade de desenvolver através das biografias educativas maior consciência “da sua liberdade na interdependência comunitária”, enquanto sujeito coletivo” (BUENO, 2002, p. 49). Belmira aborda, ainda, a formação contínua do professor, esta que se inicia nos primeiros anos de vida até a sua vida profissional. Para tal, cita Dominice (1988b):

a história de vida é outra maneira de considerar a educação. Já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como o espaço de formação. A história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional, e em consequência beneficia de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida (DOMINICE, 1988b, p. 140).

2. METODOLOGIA

Os processos foram: **a)** Leituras literárias e acadêmicas sobre o tema; **b)** planejamento de perguntas e abordagens; **c)** estabelecimento de um horário para as conversas; **d)** *prints* da tela para registrar o momento e integrar o trabalho; **e)** registro da utilização de plataformas digitais (vídeo e áudio) nas interações com os avós; **f)** reunião de fotos e materiais físicos para complementar algumas das memórias; **g)** escrita do resumo expandido tendo como fonte o “Diário de uma neta: avós remotos e corações presentes”, documento com 39 páginas, digitado, a ser disponibilizado em formato e-book em breve. Entre os procedimentos, importante ressaltar que as escritas foram elaboradas durante dias de semana, em formato de diário, desde o dia 07 de maio até 28 de agosto de 2020 e, a cada sexta-feira, enviadas à orientadora. Sobre os temas, a maioria foi apresentado por mim e minha mãe, com perguntas sobre: os jogos e times, as novelas e personagens, receitas novas e dicas culinárias, lembranças de fotos e momentos juntos.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

Escrever uma autobiografia, traçando uma linha entre eu e duas pessoas importantes na minha vida, em um cenário de pandemia, foi um desafio. À medida que o tempo e as escritas foram se organizando, consegui perceber como este processo pandêmico, de saudade, distância e discursos, se formam, se instauram, se modificam. Sendo este um trabalho que trata de processos e relações humanas, os resultados ocorreram de acordo com as interferências externas e internas em cada um de nós. Estando em casa, na presença de meus pais, observava a rotina da família e de cada um dos moradores. E entre as conversas com meus avós, conseguia entender um pouco da rotina deles. Entre muitos aprendizados, ressalto três: tecnologias, discursos e rotinas. O primeiro aspecto – acesso e uso de tecnologias – oportunizou entender as diferenças de necessidades pessoais e únicas e como usamos essas ferramentas a nosso favor ou não. Vivenciar essa transição, do mundo presente e caloroso para o mundo virtual e frio, foi importante. Para meus avós, o processo de aprender a usar a internet, tanto para o passatempo quanto para suprir esta falta física, já vinha acontecendo antes mesmo da pandemia. Mas, foi nesse período, que eles manifestaram mais interesse e curiosidade. Como escrevi nas primeiras páginas do livro:

E em dias altamente entediosos, se arrisca a mergulhar no mundo virtual e a teclar em seu celular, gerando grupos aleatórios, ligações sem querer, áudios sem som ou voz e algumas *selfies* que geram grandes risadas entre nós! Já meu avô acha o celular muito difícil e prefere seu *notebook* (MARTINS, 2020).

Agora, após alguns meses de uso intenso, os percebo mais seguros e adaptados com a internet e as demais ferramentas tecnológicas, o que se evidencia nos comentários e publicações, alterações de imagens de perfil e nas ligações de vídeos para amigos e parentes, entre outros. E o que para eles foi um progresso, para mim, foi um susto. Informações tristes, em excesso, as comparações diárias, a distância de tudo e de todos, fizeram com que eu me distanciasse do mundo tecnológico. Através da escrita, no entanto, consegui me “conectar” novamente: com minha família, a Universidade e comigo mesmo. A segunda percepção foi quanto a discursos e atitudes. Os discursos iniciais, por parte de meus avós, eram de pessoas conscientes que, por estarem no grupo de risco, necessitavam se cuidar e ficarem casa. À medida que o tempo passou e o tédio a dois tomou conta da rotina, os discursos também se modificaram. Depois migraram para “Todo mundo vai pegar, não adianta se esconder!”. Atualmente, com a flexibilização do comércio e sofrendo a influência de discursos presentes em jornais e internet, suas atitudes se modificaram: o uso da máscara garantindo o “não contágio” liberou o retorno dos dois longevos às ruas. Enquanto eles retomam a rotina “normal”, eu permaneci em casa, isolada, em trabalho remoto como bolsista PET Educação. E, nesse lugar, percebi a diversidade de posicionamentos e “verdades”

possíveis dentro de um mesmo tempo – o tempo da pandemia – e os argumentos que os dois grupos de uma mesma família utilizam para defender suas atitudes. Como expressei em uma das escritas:

Sinto. E temo que esse discurso sirva como uma justificativa para voltarmos a uma suposta normalidade. Meus avos já não se seguram em casa. Meus vizinhos, também não. A sociedade implora por rua. E é super compreensível! Eu quero sair, mas me permito ficar. E enlouquecer (MARTINS, 2020).

O terceiro destaque foi quanto às rotinas. Não menos importante, resultado de meu trabalho de escrita autobiográfica foram os variados afazeres e prazeres que desenvolvemos nesse período. Enfatizo os entretenimentos que cada indivíduo – eu, meus pais, meus avós, sozinhos ou em grupo – escolhemos e vivenciamos e que revelaram para mim, a subjetividade de cada um. Ao observar como passamos o tempo juntos, de onde vieram as maiores alegrias e por quais razões discordamos, encontrei concordâncias e divergências, ou seja, um complexo de razões, conhecimentos, histórias, risadas e saudade que deram valioso material para os registros. Além das minhas observações, pedi a minha mãe, filha do casal para ler o material e fazer suas observações. Após a leitura, entre diversos comentários, confessou lágrimas e risos durante toda a leitura. Disse, ainda, que é perceptível o sentimento de afeto e otimismo.

4. CONCLUSÃO

Após esse trabalho autobiográfico, me sinto mais autônoma e segura nas minhas relações interiores como filha e neta e apta a novas relações em minha formação na Universidade, como futura Pedagoga. Conseguir observar narrativas e refletir sobre as diversas histórias que estão no entorno do mundo acadêmico. Ao revelar olhares de pessoas que não frequentam esse ambiente, proponho a mim mesma uma contínua indagação e aprendizagem a respeito de meus posicionamentos, posturas, pensamentos e atitudes.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, B.O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*: São Paulo. p. 11 – 30, 2002.

MARTINS, Luzia. Diário de uma neta: avós remotos e corações presentes. Documento digitado. Pelotas: UFPel, 2020.

ROSA, Cristina Maria. Diário do Cuidado. Disponível em: <https://peteducacao.blogspot.com/2020/05/diario-do-cuidado-mais-um-acao-do-pet.html>. Consulta em 05/09/2020.

SANTOS, Y. A. B; TORGÀ, V, L, M. Autobiografia e (res) significação. Bakhtiniana. *Revista de Estudos do Discurso*. São Paulo. p. 119 – 144. 2020.